

corpo absoluto
espaço possível

grupo 42

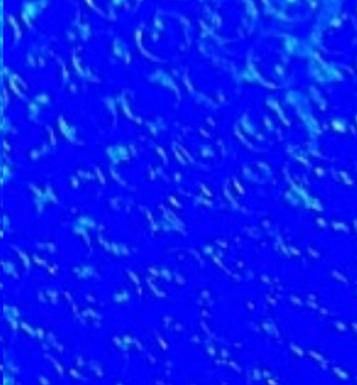
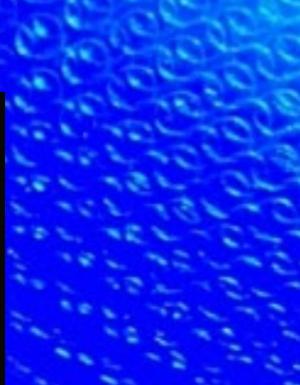
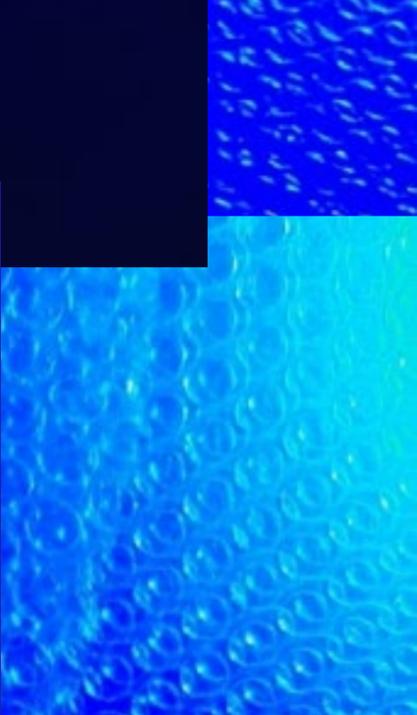
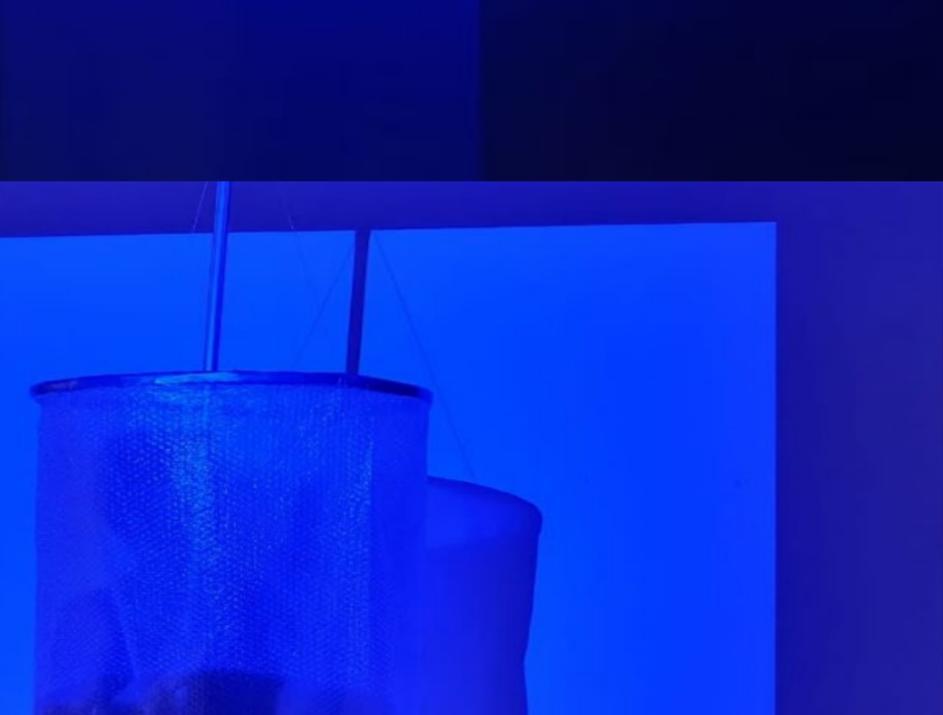
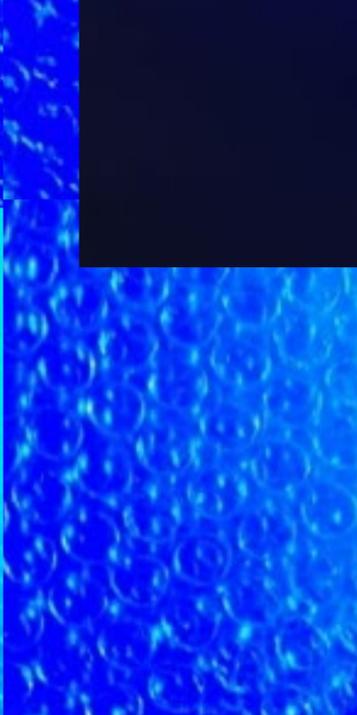
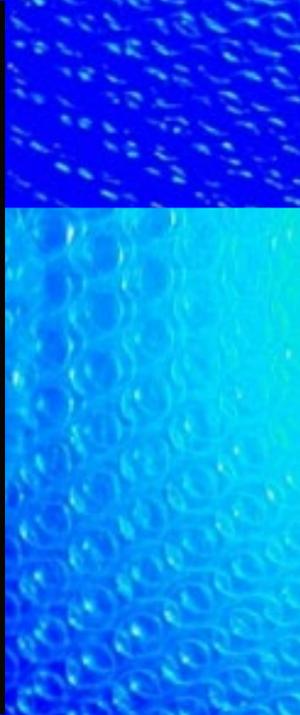
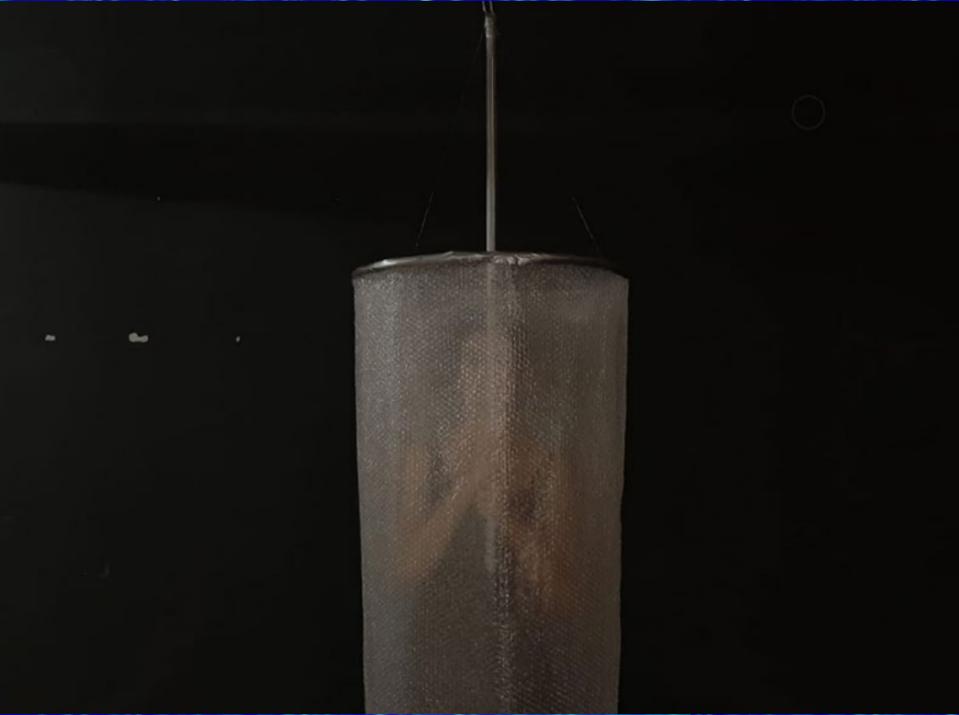
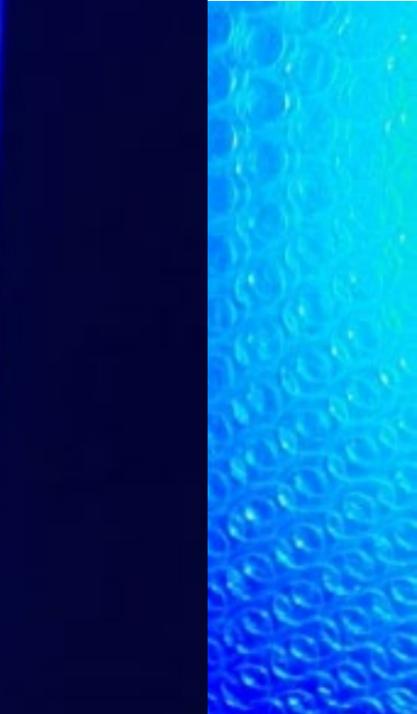
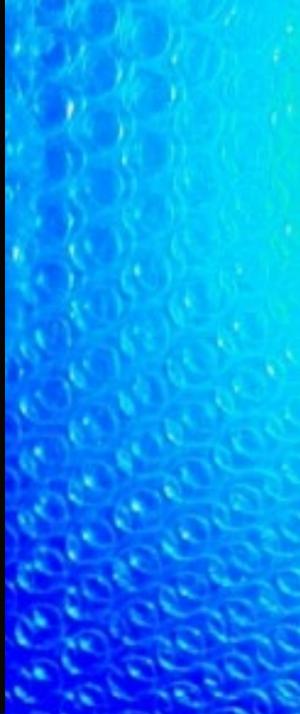
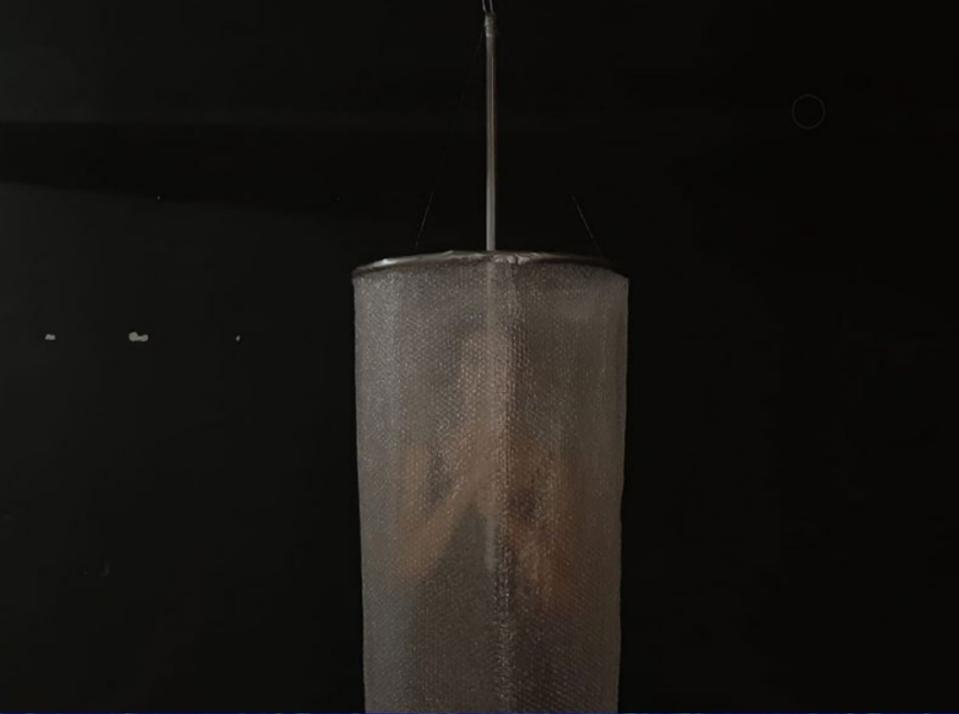
I:

estandarte

alterar a percepção de um espaço existente através da
alteração de sua percepção

arquitetura participativa

escultura social



II:

flip

entre a água dentro e a água fora,
entre a arquitetura e a natureza,
entre a lua e o mar e a gravidade,
entre a arquitetura e o corpo
que a ocupa e a mantém.

reuso

arquitetura
coletiva

mutabilidade autonomia
interação

arquitetura e

o corpo que a ocupa e

a mantém

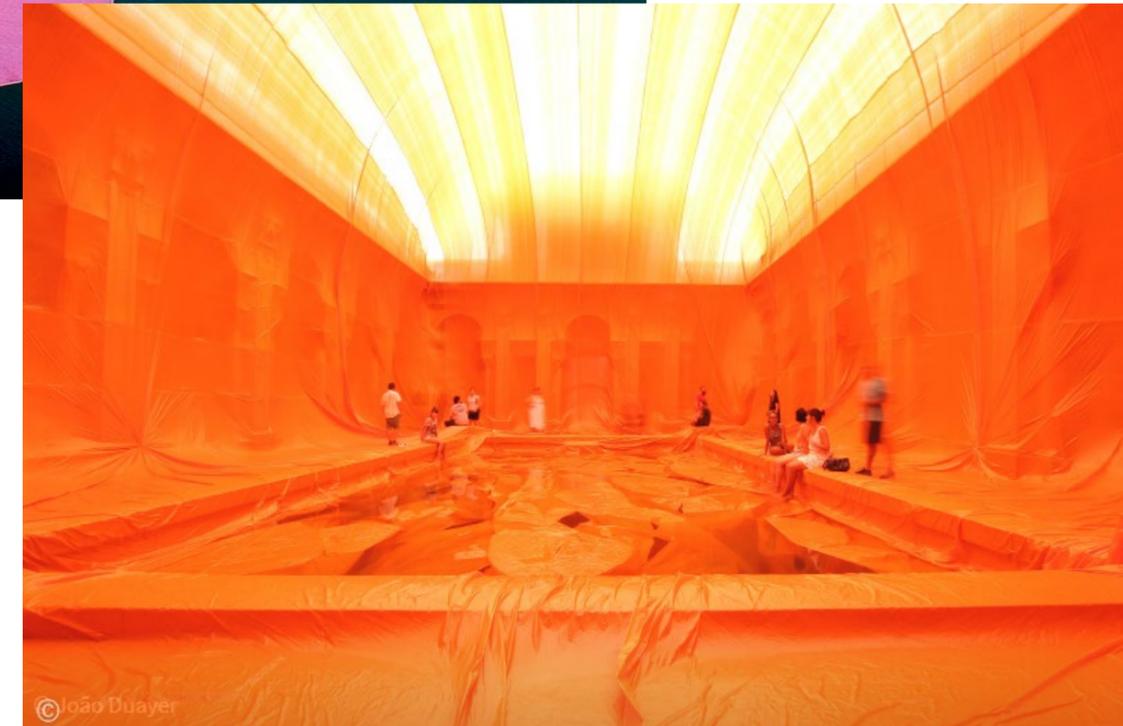


blur building (diller scofidio)



Oasis nr 7 (Haus Rucker Co)

surrounded islands (christo + Jean Claude)



piscina do Parque Laje (Penique Productions)

III.a:

quarentena

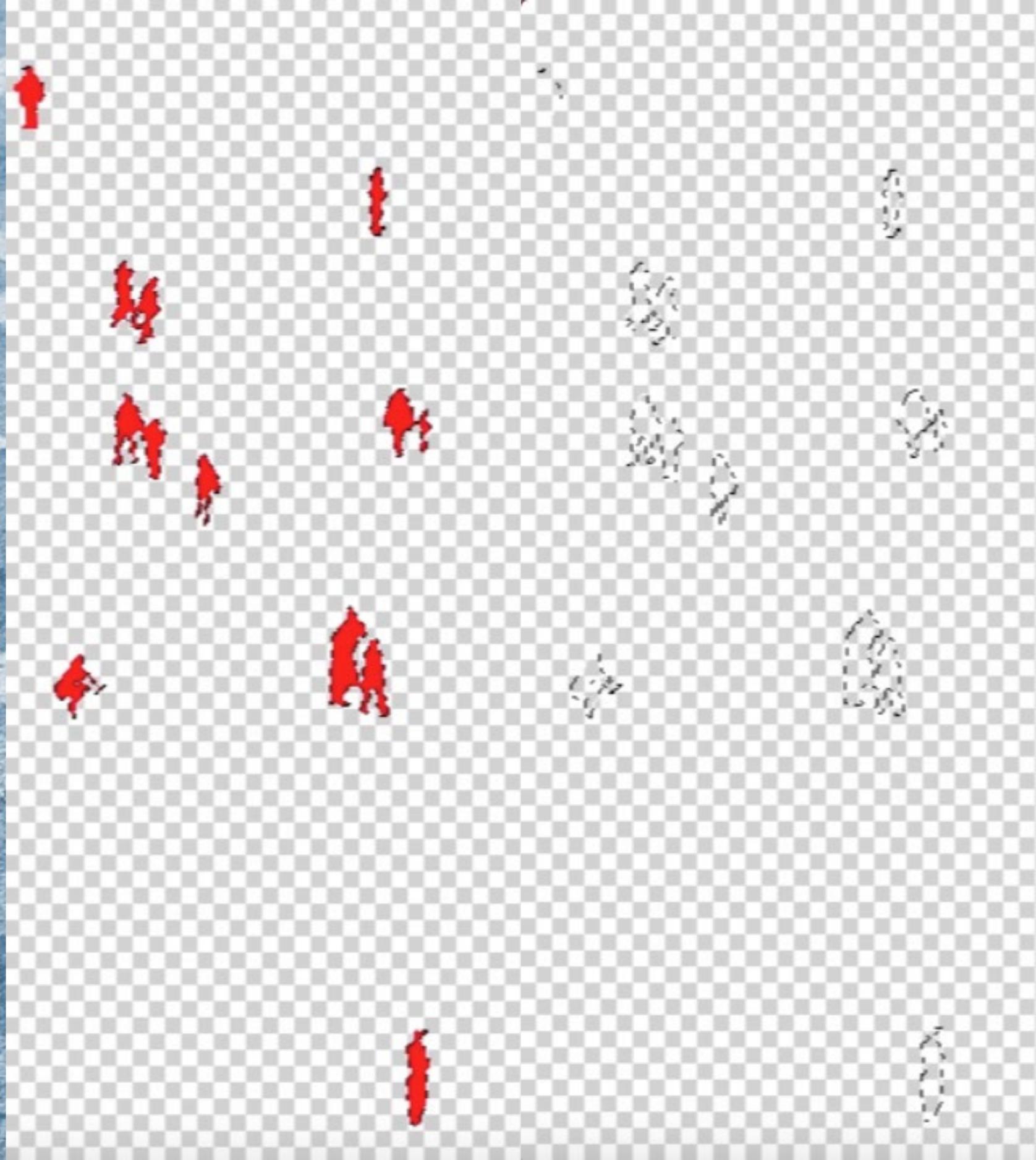
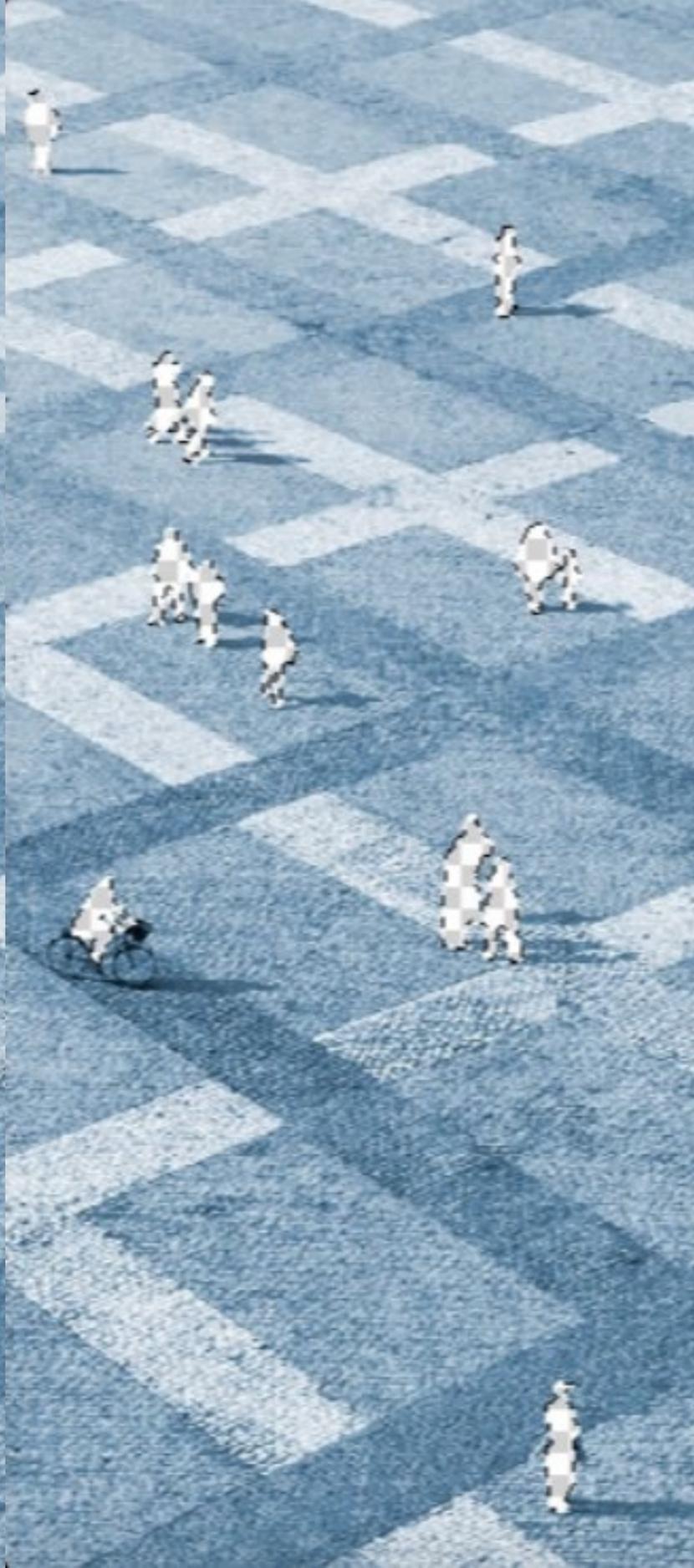
agora não
mas e
quando nos
reunirmos?

se nos
reunirmos
sem espaço
sem acaso
simultâneo
o corpo
onipresente

o corpo se
tempo distorcido
o corpo futuro incerto

sem ter chão
o corpo se encontra
sem ter chão
o corpo se

o corpo se real
se virtual
sem espaço



III.b:

quarentena

coronavida

corpo x

espaço

x virtual

x público

x real

criar relatos

dentro do
espaço

criar espaços
mesmo

mudar o

coreopolítica

coreopolícia

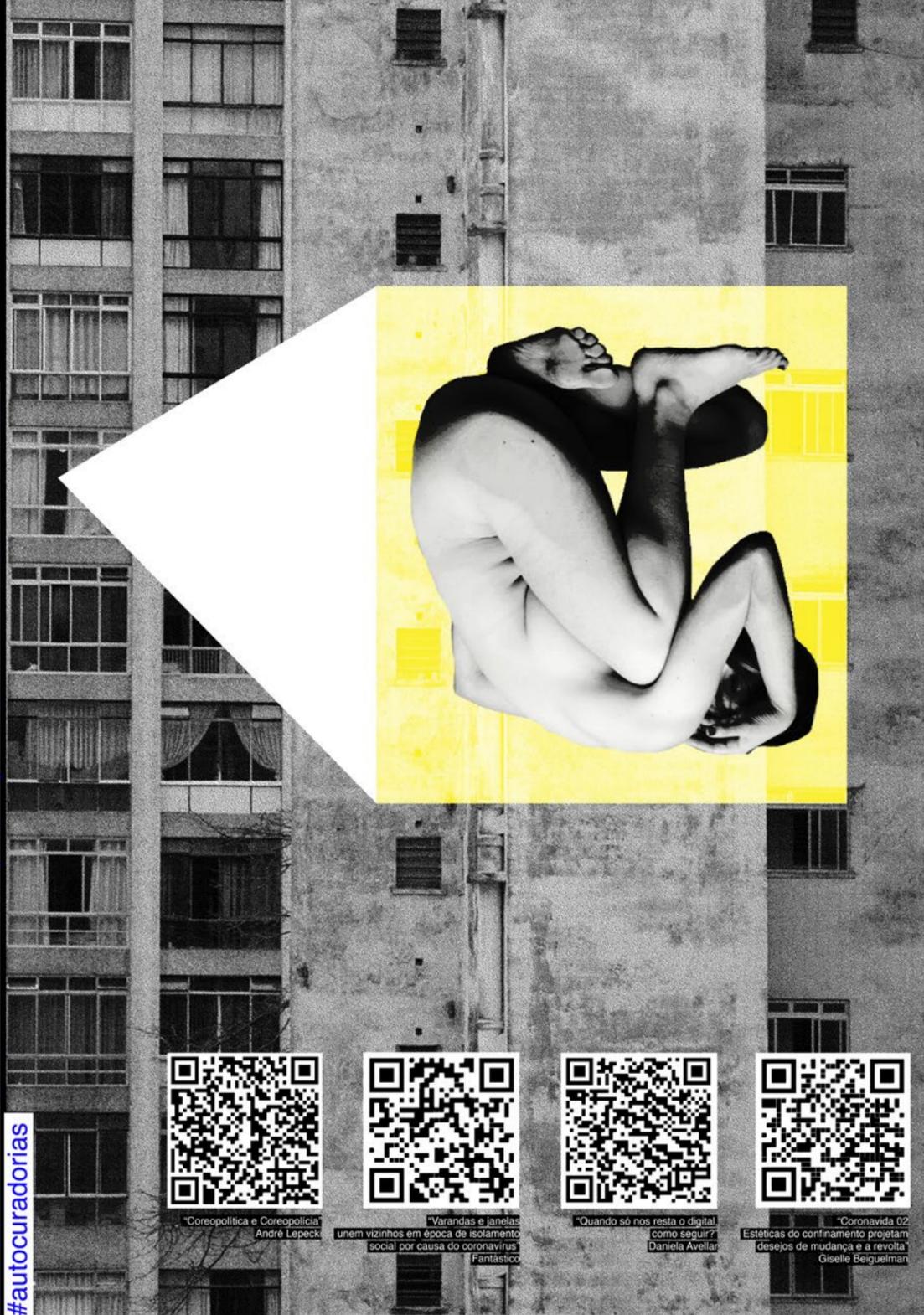
rachadura

coreografias pré-estabilizadas

SITE-ESPECIFIC 20200331

a projeção como transbordo das dualidades urbanas.
real, virtual. coletivo, individual. espontâneo, performático.

#regimedeeceção #estéticadoconfinamento #janelaço #imagensdeinfiltração #tensionamento #alteridade
#sincronicidade #simultaneidade #onipresença #rachaduras #cidadedeserto
#autocuradorias



"Coreopolítica e Coreopolícia"
André Lepeck



"Varandas e janelas"
unem vizinhos em época de isolamento
social por causa do coronavirus"
Fantástico



"Quando só nos resta o digital"
como seguir?"
Daniela Avellar



"Coronavida 02"
Estéticas do confinamento projetam
desejos de mudança e a revolta"
Giselle Beigelman

III.c:

diários

quarentena

onde vou
o corpo vai

absoluto
fantástico

prático
teórico diário corpo utópico
o corpo vai



quarentena
ou março, abril e o que mais precisar, 2020

o que interessa, de certo modo, é o transe entre a completa fluidez e total consistência. corpo, completa fluidez, agente do tempo, eterno círculo. terra onde me aterro, me alimento, matéria sólida. água sempre vem, tem de vir, matéria última e primeira.

todo corpo tem água,
lágrima, suor e gozo.

não compreendo outro jeito de me entender enquanto existência e corporização se não através da justa medida dessas intensidades: fluidez pra existir, corpo consistência.

matérias fundantes, possibilidade célula, tecido. funda em um espaço, atmosfera menos densa que o pedaço de espaço com que me faço, e peso, e deixo marcas, e gesticulo, e toco, e sinto, e tanta coisa, transbordos vitais.

“o corpo é o contrário de uma utopia, é o lugar absoluto
é o pequeno fragmento de espaço com o qual se corporiza”
foucault, treinar o olhar

corpo lugar absoluto
espaço lugar possível

corpo consistente, espaço fluido. questão de ponto de vista, água e terra. eterno movimento, equilíbrio no desequilíbrio, ocupar, se ocupar o corpo molda os espaços que vêm encontrando: cama afundada, sombra limite, pelos reveladores do tempo presente, a familiaridade gastada.

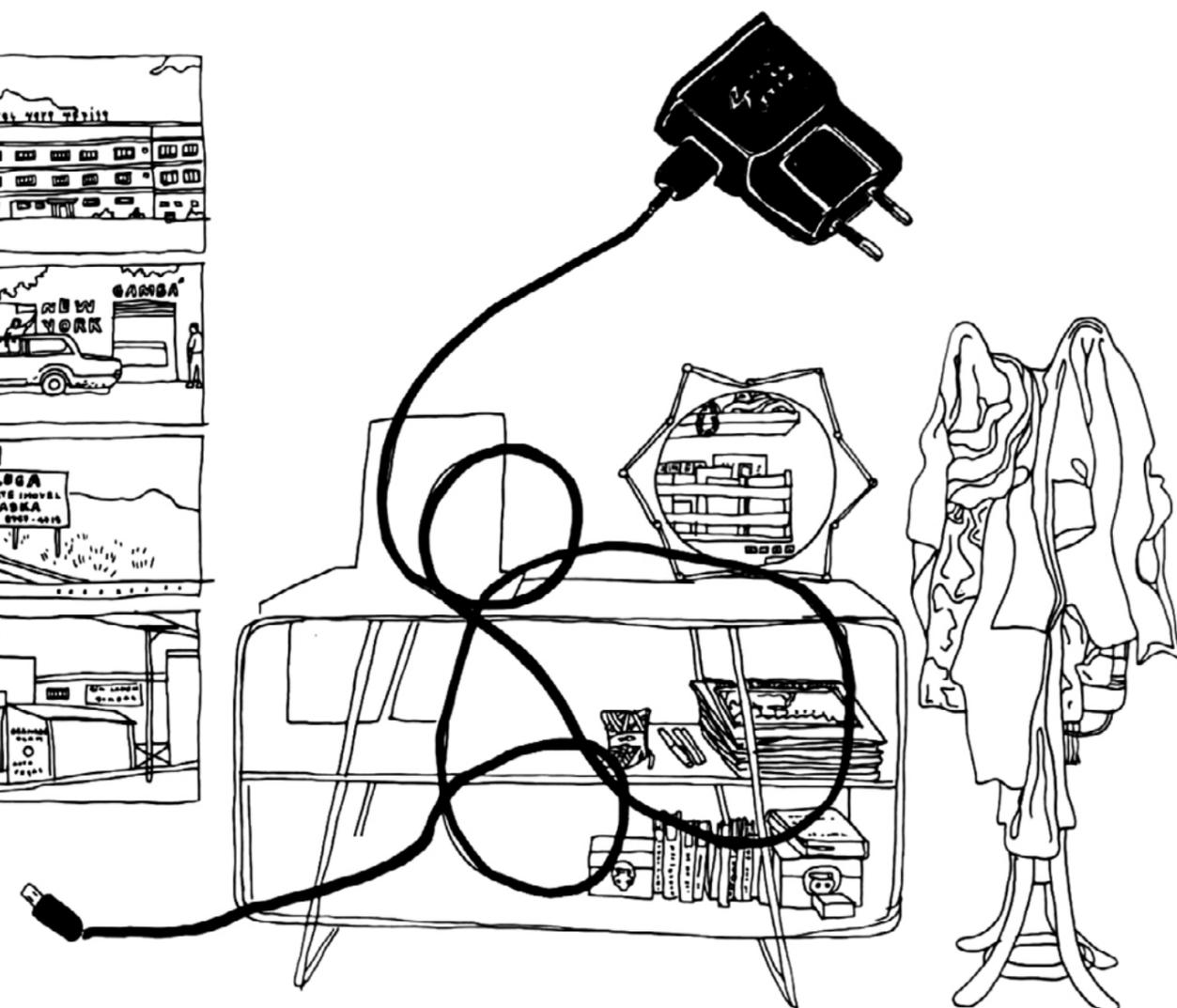
corpo transeunte, existe aqui e agora enquanto coisa que conheço e me reconheço.

como represento o que é absoluto, se não pelo fragmento?

o encontro da verdade com a experiência no papel é esforço de tradução. mas toda tradução é uma traição. o corpo quer se fazer compreender no plano, talvez pelo olhar, pelo toque ou pelas palavras, estas aqui. precisa ocupar pra entender que o ato consolida verdades mesmo que fragmentadas. rosto no papel, voz na gravação, costas na fotografia, sombra de fim de dia. se materializar para manter no desequilíbrio as intensidades. múltiplas existências

corpo transeunte lugar absoluto
plano lugar possível

a familiaridade, caminho inverso. utopia, onde finco meus pés pra me aterrar na imagem que conheço e da qual me desterro todo dia, eterno círculo. utopia, que materializo e, se não é a experiência plena da verdade, é a experiência da memória. de um corpo que ocupa, onde tem frente e costas no papel e no alcance da vista. consciência do gesto, corpo que rasga, explode, deságua, arde, que sabe se deixar numa cama ou num papel existindo, ou enquanto possibilidade de existência



III.d:

quarentena

me olho no espelho
e vejo todo
o mundo

e a memória só se da no
presente e a historia é uma
representação do passado
e a memória

	corpo		cria		corpo	corpo	cria		cria
	cria		relação		cria	cria	relação		relação
corpo	cria	corpo	cria	relação	corpo	cria	cria	corpo	corpo
cria		cria	relação	corpo	cria	relação			
cria		cria	corpo	corpo	cria	corpo			



entre a utopia e a distopia, meu corpo é acessório.
nenhuma pose agrada

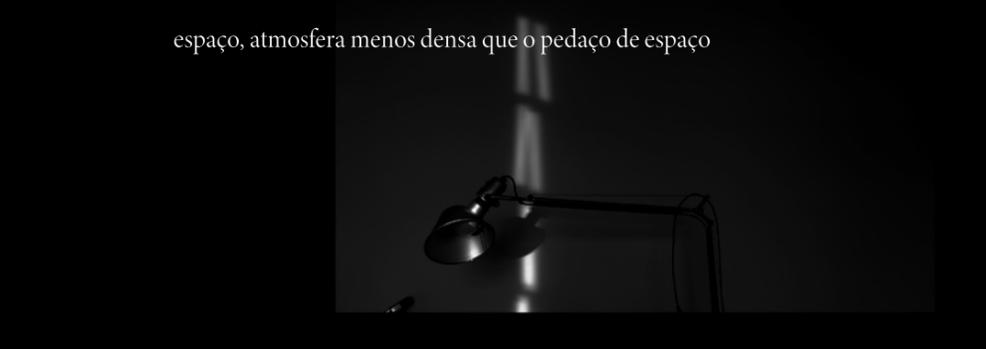


o que interessa, de certo modo, é o transe entre a completa fluidez e total consistência.

como represento o que é absoluto, se não pelo fragmento?



eu vou comer um pão feito de caneta e ver minha sombra na casa do vizinho.



espaço, atmosfera menos densa que o pedaço de espaço



o que interessa, de certo modo, é o transe entre a completa fluidez e total consistência. corpo, completa fluidez, agente do tempo, eterno círculo. terra onde me aterro, me alimento, matéria sólida. água sempre vem, tem de vir, matéria última e primeira.



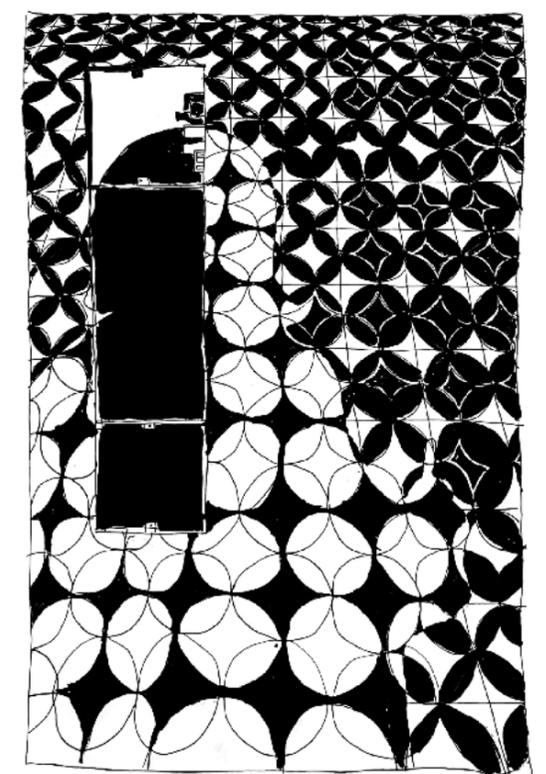
o corpo molda os espaços que vêm encontrando: cama afundada, sombra limite, pelos reveladores do tempo presente, a familiaridade gastada.

tem muitas pessoas na minha gaveta.
chorei a (ã) gola da blusa e nem senti
meu pescoço doi de saudades porque ontem não fui à feira

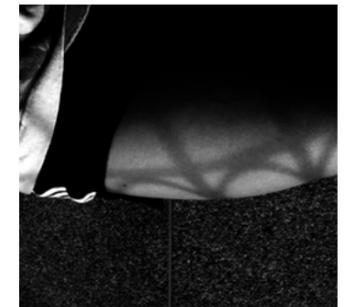


a familiaridade, caminho inverso. utopia, onde finco meus pés pra me aterrar na imagem que conheço e da qual me desterro todo dia, eterno círculo. utopia, que materializo e, se não é a experiência plena da verdade, é a experiência da memória

sinto a nostalgia de um sonho que não lembro. entre a utopia e a distopia, meu corpo é acessório.



Amplificação do corpo-eu.



rosto no papel,
voz na gravação,
costas na fotografia,
sombra de fim de dia.

tão de longe

palavra

como criar o junto?

vínculo

coletivo

III.a:

ária

árias

ário

ários

quarentenária

criar o junto

peso

da

p a l a v r a

apontando

o espaço

nosso que

já existe

diário

corpo

coletivo

isolado

criar o junto

sufixo formador de

adjetivo

derivado de

substantivo

dando

nome ao

nada

falar o espaço

um lugar

associado com

algo

específico

sem precedentes

o coletivo

responde

quando chamo

laço

linguagem

III.b:

quarentenária

vocabulário

site

espacializar a

a voz

dar nome à dor

espacializar a

palavra

espacializar a

palavra

dar

voz

ao

corpo

j u n t o s

mesmo longe

dar

voz

ao

corpo

espacializar a

palavra

espacializar a

palavra

aqui

dar

voz

clico

ao

corpo

j u n t o s

mesmo longe

espacializar a

a voz

espacializar a

a voz

dar nome à dor

espacializar a

palavra

contruir junto

dar corpo à voz

dar nome à dor

o

desconhecido



entender

linguagem
espaço entre corpos
espaço de encontro
espaço acervo
espaço público

quarentenária

submeter

a palavra
(I) nova
(II) reesignificada
com uma ou mais

definições
dentre múltiplas
linguagens
(texto, imagem, som)
a linguagem à escolha

buscar

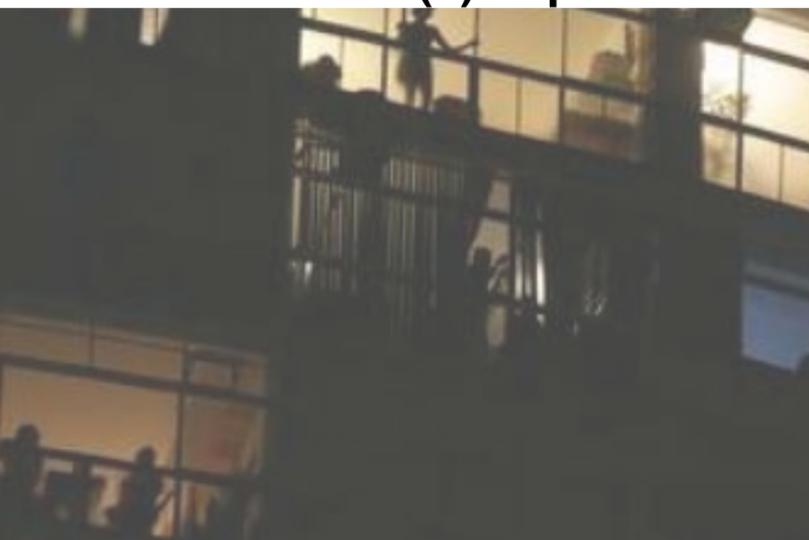
por data
por associação
por aleatoriedade
por ordem alfabética





#cidade

(II)empena



superfície
de caráter
combativo,
palco de protestos
e performances

quarentenária

#luta

(I)janelaço

#lugar

#grito

manifestações
individuais
que tomam
dimensão coletiva variável
através de sons
e possivelmente projeções
que acontece nas janelas e varandas

#luz

buscar

por data
por associação#lugar
por aleatoriedade
por ordem alfabética

